Casos de supergeneralização nos dados de escrita de crianças do Ensino Fundamental

Carolina Reis Monteiro (Mestrado em Educação/ FaE/UFPel)

Dra Ana Ruth Miranda (PPGE/UFPel)

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa sobre o uso de estratégias metacognitivas no processo de aquisição da ortografia de uma turma de segunda série do Ensino Fundamental. Sabe-se que a criança, ao ingressar na segunda série, deve estar no nível alfabético de escrita, precisando, portanto, aprender a escrever segundo as normas ortográficas de sua língua.

Aprender a ortografia é uma tarefa complexa para a criança, pois ela precisa, primeiramente, compreender as diferenças entre a linguagem oral e a linguagem escrita para, posteriormente, entender as relações existentes entre fonemas e grafemas que, em alguns casos, serão determinadas pelo contexto da palavra e, em outros, serão arbitrárias.

Por se tratar de uma tarefa complexa, no início da aprendizagem da escrita ortográfica aparecem, como muita freqüência, inúmeros erros de ortografia. Segundo Ferreiro e Teberosky ([1979] 1999) o erro deve ser considerado construtivo, uma vez que constitui um pré-requisito necessário para obtenção da resposta correta. Além de ser construtivo, e fazer parte do processo de aprendizagem da escrita ortográfica, a análise do erro oferece subsídios para se entender quais hipóteses e que tipo de estratégias a criança está usando para resolver os problemas que surgem no momento da escrita.

Com a finalidade de auxiliar o aluno na aprendizagem da escrita ortográfica, foi proposta uma intervenção pedagógica com uma segunda série do Ensino Fundamental que privilegia a reflexão e a explicitação de pensamentos bem como o uso de estratégias metacognitivas. Flavell (1999) define a metacognição como sendo o conhecimento que o sujeito tem sobre seu próprio conhecimento. Além de estratégias metacognitivas, a intervenção pretendeu trabalhar com os diferentes tipos de erros encontrados nas produções textuais das crianças, os quais foram

classificados em: erros de motivação fonética, erros de motivação fonológica, casos de supergeneralização de regras, erros relacionados à correspondência regular contextual e erros relacionados à correspondência irregular.

Para esse artigo foi feito um recorte cujo objetivo é analisar e discutir, por meio da análise das hipóteses e explicitações das crianças pesquisadas, os diferentes erros decorrentes da supergeneralização de regras. Para Menn & Stel Gammon (1997), os casos de supergeneralização demonstram a verdadeira aprendizagem das regras, mesmo que a criança, em um primeiro momento, a utilize em contextos em que ela não se aplica.

A partir da afirmação dos autores, pode-se inferir que os casos de supergeneralização indicam que a criança já está estabelecendo relações entre a língua oral e a língua escrita e que, se esses casos foram analisados pelo professor, podem oferecer subsídios para o planejamento das intervenções pedagógicas tornando-as mais eficazes.

Sobre ensino de ortografia e sobre os casos de supergeneralização

Os estudos teóricos que discutem o ensino da ortografia nas séries iniciais apontam para a necessidade do professor levar os alunos a entenderam a norma ortografia. Para Morais (1995, 2003, 2005), Melo e Rego (1998), entender significa saber o que pode ser entendido e o que deve ser reproduzido. Desse modo, é papel do professor trabalhar com essas diferenciações, facilitando a compreensão do aluno das regras existentes na norma ortográfica.

Lemle (1984) afirma que a criança, ao adquirir a escrita alfabética, começa a estabelecer relações entre letras e sons e a pensar sobre elas. É nesse período que, segundo a autora, se pode ensinar a criança aspectos da ortografia da língua, pois ela já é capaz de rever hipóteses a respeito de como se escrevem as palavras. Utilizando-se desse mesmo argumento, Carraher (1985) afirma que é por meio da análise dos erros da criança que se pode perceber a sua capacidade de refletir sobre a maneira correta de grafar, visto que inúmeros textos espontâneos infantis, no início do processo de escolarização, aparecem com

rasuras o que, segundo a autora, indicariam que a criança está em conflito ao grafar e portanto, troca a letra, apaga, faz de novo, ou seja, apresenta inúmeras tentativas para escrever determinada palavra.

Partindo dessas afirmações, percebe-se a importância do professor entender o erro e trabalhar com ele, pois eles oferecem subsídios para o planejamento de uma prática voltada para as hipóteses do aprendiz e, trabalhando com essas hipóteses, o professor torna sua prática mais eficiente para a compreensão da ortografia da língua. Segundo Cagliari (1999) já no início da escrita alfabética, aparecem os erros relacionados à supergeneralização de regras, os quais, se observados pelo professor, oferecem indícios de que a criança começou um processo de reflexão sobre a escrita. Os erros relacionados à supergeneralização de regras consistem nas grafias em que a criança percebe uma regra e a generaliza, não observando os contextos específicos, nos quais essas regras não se aplicam.

Guimarães (2006), ao estudar os casos de supergeneralização de regras, encontrou erros relacionados à grafia das vogais como em 'enteligente' para 'inteligente' e erros relacionados à grafia dos morfemas flexionais como em 'saio' trabalho analisados para 'saiu'. Neste serão apenas os de erros supergeneralização envolvendo casos relacionados aos morfemas flexionais que foram divididos em dois grupos: a) troca do 'u' pelo 'o', como por exemplo, 'caio' para 'caiu'; b) troca do 'u' pelo 'l', como por exemplo, 'vil' para 'viu'. Em ambos os casos, a criança generaliza uma regra "toda vez que eu escuto 'u' grafo com 'o" ou "toda vez que escuto com 'u' grafo com 'l" para contextos em que a morfologia da língua determina o uso do 'u'.

Numa primeira análise, os erros relacionados à supergeneralização, principalmente os casos envolvendo os morfema flexionais, poderiam ser explicados por falta de atenção da criança ao grafar, porém se observados sob a lógica de erro construtivo, revelador de hipóteses da crianças, é possível que o professor consiga entender que tipo de pensamento a criança usou e que os erros possuem uma lógica, ou seja, podem demonstrar quais os conhecimentos sobre a norma a criança já tem e quais ainda precisam ser aprendidos.

Metodologia da Pesquisa

Desta pesquisa, participaram 19 crianças de uma 2ª série do Ensino Fundamental. O grupo foi submetido a uma intervenção pedagógica voltada para a construção de conhecimentos acerca da ortografia da língua, a explicitação de pensamentos e o uso de estratégias metacognitivas.

Antes da intervenção foi realizado um pré-teste que tinha o propósito de fornecer dados sobre o desempenho ortográfico das crianças. Esse pré-teste consistia em textos espontâneos produzidos a partir de oficinas de produção textual, visto que é por meio da escrita espontânea que são reveladas as hipóteses que o aluno constrói acerca da linguagem escrita. De posse dos textos, foi feito um levantamento dos erros ortográficos relacionados à supergeneralização de regras.

Após o mapeamento dos erros, foi planejada uma intervenção que estimulasse a reflexão e discussão para que se pudesse construir e então compreender e explicitar os princípios e as regras ortográficas que norteiam o português, capacitando os alunos a fazer uso gerativo delas. As atividades foram desenvolvidas ao longo de dez meses e foram elaboradas a partir das seguintes considerações: o conhecimento deve ser construído a partir das hipóteses das crianças; as atividades pedagógicas devem possibilitar a comparação, a inferência, o pensamento lógico e a solução de problemas; o professor deve levar o aluno a fazer uso de estratégias cognitivas e metacognitivas. Considerar a hipótese da criança significa explorar seus conhecimentos espontâneos de escrita e, a partir deles, estabelecer relações a fim de se aproximar das regras ortográficas estabelecidas.

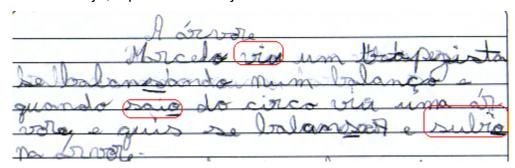
Durante a intervenção foram coletadas uma produção textual espontânea de cada aluno, num total de 190 textos. Também, foi utilizado um diário de campo para registrar as reações, os questionamentos e as interações orais dos alunos. Essas anotações foram realizadas sempre que eram desenvolvidas atividades relacionadas à norma ortográfica e também nos momentos de escrita espontânea

dos alunos. Além disso, foram feitas entrevistas individuais que tinham por objetivo entender as hipóteses do aluno ao escrever.

Neste trabalho, será feita uma análise dos erros relacionados à supergeneralização envolvendo morfemas flexionais. Os dois casos analisados são troca de 'u' por 'o' como em 'bateo' para 'bateu' e troca de 'u' por 'l' como 'fingil' para 'fingiu'.

Análise e Discussão

No início do processo de intervenção pedagógica, no mês de março, os erros relacionados aos casos de supergeneralização de regras são pouco freqüentes, porém, a partir de início das atividades voltadas a explicitação de hipóteses e pensamentos sobre a escrita, esses erros começam a aparecer com freqüência na escrita das crianças. Pode-se inferir que esse aumento nos erros relacionados à supergeneralização de regras se deve ao fato da criança começar a estabelecer relações entre a fala e a escrita, como também, ao fato dela já estar percebendo regularidades na norma ortográfica, como mostra exemplo abaixo da fala de uma criança, a partir da correção do erro abaixo:



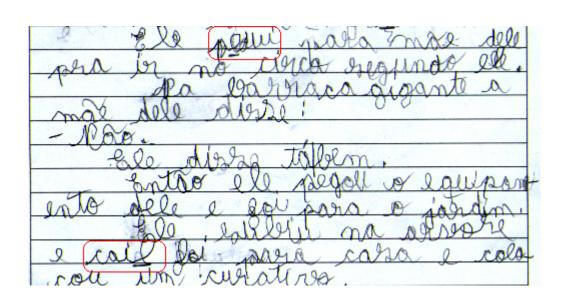
Sobre o erro 'saio'

- A. Aqui tá certo (aponta para 'saio')
- P. Por quê?
- A. Porque 'menino' a gente fala no fim com 'u', mas se escreve com 'o'.
- P. Mas não existem palavras que se escrevem com 'u' no fim?
- A. Não, todas a gente fala com 'u' e se escreve com 'o'.

A partir da fala da criança, pode-se perceber que ela já está pensando sobre as diferenças entre a fala e a escrita, pois consegue explicitar que 'menino' se escreve com 'o' mas se pronuncia com 'u'. Porém, quando questionada sobre a

existência de palavras com 'u' no final, afirma não existir porque generaliza a regra para todos os contextos, enfatizando que todas as palavras que se fala com 'u' se escreve com 'o', gerando erros como 'vio' e 'subio' que aparecem no fragmento retirado da produção textual.

A análise do professor, se baseada apenas no erro e na fala da criança, poderia deduzir que a criança não sabe ou não entende a relação que existe entre grafemas e fonemas. No entanto, se pensarmos como Lemle (1983), Carraher (1985) e Menn & Stel Gammon (1997), tanto os erros como as explicações dadas pelas crianças são indícios de que elas estão pensando sobre a língua e estão buscando regularidades, mesmo que generalizando, num primeiro momento, para contextos indevidos, como exemplifica o diálogo abaixo, iniciado a partir deste fragmento do texto:



Sobre o erro 'cail'

(está escrito em um parágrafo acima: "ele pediu")

- A. Aqui tá errado é "ele pedil"
- P. Não, ele fez isso, 'fingiu' então termina com 'u'.

A. –Então, aqui é com 'u'. (aponta para 'cail') Eu achei que sempre que a gente falava 'u' era com 'l' no fim.

O diálogo acima mostra que a criança está supergeneralizando indevidamente uma regra, mas com a intervenção do professor, que retoma uma aprendizagem já construída anteriormente, a criança relembra a regra, utilizando-a

no contexto correto e corrigindo o erro. Desse modo, percebe-se a importância do professor entender sobre a norma ortográfica e sobre os processos pelos quais as crianças passam ao aprender a escrita ortográfica para tornar suas intervenções pedagógicas mais eficazes e para conseguir trabalhar com a idéia do erro como etapa fundamental da aprendizagem.

Conclusão

Os resultados até agora encontrados vêm mostrando que os erros decorrentes da supergeneralização, quando analisados de acordo com as hipóteses do aluno, tendem a indicar a aprendizagem de regras as quais são generalizadas para contextos indevidos num primeiro momento, mas que, após a intervenção pedagógica, tendem a diminuir de modo considerável.

Referências Bibliográficas

CAGLIARI, Luiz C. **Alfabetização e Lingüística**. 10^a ed. São Paulo: Scipione, 1997. 247p.

CARRAHER, Terezinha. Explorações sobre o desenvolvimento da ortografia do Português. Isto se aprende com o Ciclo Básico. Projeto Ipê. Secretaria da Educação. São Paulo: SE/CENP, 1986.

FERREIRO, E. PONTECORVO, C. MOREIRA, N. HIDALGO, I. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**. São Paulo, Ática, 1996. 229p.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999 [1979]. 300p.

FLAVELL, j. **Desenvolvimento Cognitivo**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

GUIMARÃES, Marisa R. **Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). – Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2005.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 15^a. ed. São Paulo: Ática, 2002 [1984]. 72p.

MATTEODA, Maria Cecília. Concepciones pedagógicas y investigaciones ortográficas. **Revista de Educação**, Porto Alegre: Editora Projeto, ano 1, n. 0, p. 74-82, 1999.

MELLO, K. E REGO, L. **Inovando o ensino da ortografia na sala de aula**. Cadernos de Pesquisa, n. 105, p. 110-134, nov. 1998.

MENN, L. e STOEL-GAMMON. Desenvolvimento Fonológico. In: FLETCHER, P e MAC WHINNEY, B. C **Compêndio da linguagem da criança.** Porto Alegre: Artmed, p. 277-295,1997.

MIRANDA, A, SILVA, M. e MEDINA, S. **O sistema ortográfico do português e sua aquisição.** Linguagem e Cidadania (Revista Eletrônica). UFSM, Santa Maria, v. 16, 2005.

MORAIS, Artur Gomes. Ensino de ortografia: como vem sendo feito? Como transformá-lo? **Revista de Educação**, Porto Alegre: Editora Projeto, v. 1, p. 04-09, 1999.

MORAIS, Artur Gomes. Escrever como deve ser. In: TEBEROSKY e TOLCHINSKY (org.). **Além da alfabetização**. 4ª ed. São Paulo: Ática, p.61-84, 2005.

MORAIS, Artur Gomes (org.). **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 139p.

MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2003. 128p.

MORAIS, Artur Gomes. Representaciones Infantiles sobre la Ortografia Del Portugués. 1995. 319p. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de Barcelona, Barcelona.

NUNES, Terezinha Carraher. Leitura e Escrita: processos e desenvolvimento. In: ALENCAR, E.S. (org). **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Cortez, p. 125-49, 1992.

NUNES, Terezinha Carraher. Explorações sobre o desenvolvimento da competência em ortografia do português. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 1, n. 3, p. 269-285, set/dez. 1985

REGO, L. e BUARQUE. L. Algumas fontes de dificuldade na aprendizagem das regras ortográficas. In: MORAIS (org.) **O aprendizado da ortografia**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 21-42, 2005.

REGO, L. e BUARQUE. L. Consciência sintática, consciência fonológica e aquisição de regras ortográficas. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, vol. 10, n.2, , p. 15-32, 1997.